

POR QUE PRECISAMOS DE “O CAVALEIRO VERDE”?
(THE GREEN KNIGHT)

Igor de Almeida Lino Avelar.

Não conseguia disfarçar meu anseio quando soube, há um ano, do novo projeto que fora anunciado pelo Estúdio A24, “O Cavaleiro Verde”. Esse título adapta um antigo conto da Távola Redonda, sim, aquela do Rei Arthur, Merlin e seus icônicos cavaleiros. Protagonizada por um personagem secundário da lenda, o Sir Gawain, a obra estava na minha cabeça desde a infância, quando eu soube que, antes de nascer, minha mãe tinha escolhido justamente Gawain como o nome que preencheria minha certidão de nascimento. Porém, meus pais imaginaram (e com razão) que me batizar por uma palavra do inglês arcaico poderia causar certa estranheza (ironicamente, optaram por Igor, originada pelos nórdicos, ferrenhos rivais da Inglaterra no ano de 739). Apesar de tudo isso, minha curiosidade por Gawain se manteve; sempre quis entender os motivos que levaram este ter sido meu “primeiro nome”, algo que o filme de 2021 pôde entregar com êxito.

A única coisa que eu sabia sobre Gawain era o fato dele ter sido um cavaleiro com poucas histórias, feitos e lendas para serem contadas. Por isso, quando sentei para assistir ao filme, esperava responder a pergunta que tanto martelou minha cabeça: “Quem é Sir Gawain e por que ele é importante?”. Após dez minutos, percebi que não seria tão fácil assim descobrir. Isso porque, como boa parte dos filmes do Estúdio A24, “O Cavaleiro Verde” não está muito interessado em narrar uma história “tradicional”, no estilo “blockbuster”.

O que isso significa? Que essa obra poderia ser facilmente adaptada para uma típica “sessão pipoca” de aventura, com cenas de luta memoráveis, romances charmosos e muito bom humor. Afinal, é sobre Gawain, sobrinho do Rei Arthur, que passará pelos mais diversos desafios fantásticos (como gigantes poderosos, fantasmas assustadores e raposas mágicas) para se provar como um nobre e honrado cavaleiro. Porém, o diretor e roteirista David Lowery vai pelo caminho oposto. Ele entrega uma trama muito mais contemplativa, intimista, melancólica e renega todos os elementos que poderiam facilmente agradar uma boa parcela dos espectadores.

Por isso que, se você é fã de filmes de fantasia ou aventura, não necessariamente irá aproveitar a obra, muitos podem se sentir decepcionados e até entediados pela proposta. E está tudo bem, o filme não se torna automaticamente ruim por isso. Desde o começo, suas intenções são as de introduzir uma nova perspectiva do conto medieval e o roteiro se mantém fiel em sua visão até o fim, existe um senso de unidade muito importante em “O Cavaleiro Verde”.

É importante observar também que essa opção mais “vanguardista” não é à toa, o filme não está buscando vencer premiações e aplausos de uma suposta “elite intelectualizada”. Muito pelo contrário, quando se produz tantas histórias sobre os mesmos personagens, como Chapeuzinho Vermelho, Robin Hood e os membros da Távola Redonda, essas obras exigem novas percepções para se manterem relevantes. Se as contássemos da mesma forma para sempre, cairiam no esquecimento. Dessa forma, o desenho da Disney “A Espada era a Lei”, a

paródia do Monty Python “Em Busca do Cálice Sagrado” e o contemplativo “O Cavaleiro Verde” são igualmente importantes para a manutenção do mito sob novos olhares.

E foi somente quando cheguei aos créditos que pude entender qual era a verdadeira intenção do olhar contemplativo de Lowery. Assim como eu, o diretor também estava tentando descobrir quem era esse protagonista. Parece que cada plano do filme grita em prantos “Quem é Gawain?”. Um personagem que desperdiçou sua vida na luxúria, na bebida e nunca cultivou histórias. Filho de lendas, mas que nunca ousou tentar ser como eles. Um medroso que agora possui apenas um ano de vida antes de embarcar numa jornada mortal em busca da árvore errante, o Cavaleiro Verde. É somente quando temos tão pouco tempo que podemos olhar para nossa jornada e questionar se de fato vivemos plenamente.

Se fosse possível resumir em uma única palavra o tema do filme “O Cavaleiro Verde” seria mortalidade. Cada personagem, cada cena, cada desafio nos faz entender o peso da vida em relação à morte e nossas escolhas como humanos. Ossos descansam por onde o personagem passa, assaltantes saqueiam cadáveres por bens materiais, uma mulher fantasma busca seu corpo antes de partir e uma barganha pela vida é proposta por simpáticos anfitriões; tudo isso soma a “jornada do herói” de Gawain, que descobre as armadilhas da existência e precisa fazer as pazes com o sono eterno. Aqueles que temem o último suspiro não acreditam terem vivido plenamente, mas uma vida longa, sem valor e de constante medo e arrependimento pode ser mais cruel que o machado do Cavaleiro Verde.

O Cavaleiro Verde firmou um compromisso com Gawain e agora, pela honra, o protagonista precisa encontrá-lo. A escolha dessa entidade para representar o antagonismo não foi à toa, como o filme deixou bem claro, sempre queremos evitar o verde. Essa é a cor que nos resta quando deitamos no túmulo, é o que domina as construções abandonadas e é o que sempre irá permanecer, mesmo se a humanidade deixar de existir. Nada pode se equiparar com a natureza do universo, até nos esforçamos para isso, mas o verde sempre vencerá pelo tempo. É por meio dessa descoberta, sobre a dádiva da vida e a naturalidade da morte, que meu pseudo-xará, enquanto é cercado pelos poderosos gigantes filhos da natureza, trilha o caminho para se tornar o maior cavaleiro de todos os tempos.

Você não precisa conhecer as histórias de Távola Redonda para aproveitar “O Cavaleiro Verde”, o filme apresenta todo o contexto necessário. Apesar de que existem várias referências para aqueles que são aficcionados pelos mitos ingleses, algo que pretendo explorar ainda mais. Estou, neste exato momento, com o livro de contos de Sir Gawain em meu colo para que eu possa conhecer ainda mais sobre o tão secundário, e, ao mesmo tempo, tão humano personagem de Rei Arthur. Aquele que serve como espelho para todos nós, mortais.

Então, afinal, quem é Gawain? Tentei escrever a resposta várias vezes e falhei em todas, por isso, decidi roubar. No livro que reside em meu colo, existe um texto escrito pela minha mãe (sim, eu peguei dela) que pode responder finalmente a grande dúvida... “Na minha concepção, Gawain não foi o melhor dos cavaleiros da Távola Redonda. Ele não foi o mais importante e é conhecido apenas como um fiel homem, Gawain definitivamente não é um Lancellotti. O que me obriga a dizer que, o filho de Morgause é só mais um guerreiro... e é

por isso que me chamou atenção. Na verdade, é fácil ser herói entre as lendas, porém muito mais difícil é cultivar a tão aclamada honra entre os homens”.